

DA HORA DA ARTE CIRÚRGICA À HORA DA TECNOLOGIA MODERNA

JOAQUIM BASTOS *

Serviço de Medicina Operatória. Faculdade de Medicina do Porto.

RESUMO

O Autor recorda as diferentes fases da evolução da Cirurgia, acentuando as condições que, em cada época orientaram a técnica. Tenta a seguir definir as qualidades que devem caracterizar o cirurgião, baseadas na Arte, Ciência, Humanismo e Ética.

SUMMARY

The author reminds the different stages of evolution of Surgery, pointing out the conditions that in each stage guided the technical practice. He defines and emphasises the qualities that should characterize the surgeon: Art, Science, Humanistics and Ethics.

Ser velho tem muitos inconvenientes. No tempo e no espaço. A vestutez conduz à solidão, em campo cada vez mais restrito. Desmotivação parcelar, desconfiança da sua capacidade, atracção pela ociosidade, pensamento por vezes incompreendido, acção sempre limitada.

Inconformados com o rigor da lei, alguns jubilados, amparados por ânimo inquebrantável, lutam contra a nova situação e continuam a dar o seu contributo, sempre alumiados pela luz da esperança, último bastião a abandonar. Animam-nos, então, dois estados de espírito: a luta pela sobrevivência intelectual e a obrigação da dívida completa até final.

Mas ser velho também tem suas vantagens. Com o rodar dos anos, os homens sentem esmorecer as suas vaidades e os seus egoísmos, tornando-se progressivamente mais compreensivos, mais tolerantes, menos contundentes, isto é cada vez mais humanos. A velhice quase os faz esquecer de si próprios para os entregar à tarefa apaixonante de servir os outros. Na observância da devoção, filha da obrigação, o homem, ao dividir-se para ajudar terceiros, multiplica-se em pensamento e acção. Surge, então, outra panorâmica: a experiência pessoal pode esclarecer a rota dos seguidores, a maturidade pode contribuir para ditar o conselho certo. Como escreveu PACHECO NEVES, "a palavra de um homem de setenta tem um sentido mais profundo, um conteúdo mais sólido, um perfume mais discreto".

Mas há mais. Se é certo que se nos antolha um caminho cada vez mais curto, prestes a abrir no lageado do silêncio, não é menos verdade que uma carreira profissional longa é fonte insubstituível de meditação e transmissão de conhecimentos. Só ela permite apreciar o Ensino na hora em que foi feito, cotejar escolas, comparar tecnologias, fazer a análise do caminho andado. Liberto das suas obrigações, o docente jubilado não pode entregar-se apenas às suas preferências intelectual. O exame da sua actividade só tem sentido se servir para comunicar o saber da experiências feita. E só uma vida consistentemente vivida pode servir de correia de transmissão.

Mercê da longevidade que Deus me tem consentido, assisti a três épocas sucessivas de evolução e aperfeiçoamento da Cirurgia: a da Cirurgia baseada na lesão e na técnica, a da Cirurgia fisio-patológica e a Cirurgia amparada pela tecnologia moderna; ou, por outras palavras, a Cirurgia da arte e da ousadia, a Cirurgia da inteligência ao serviço das reacções do homem à agressão e a Cirurgia actual, que congrega ciência, arte e poder intelectual.

*Por convite da A.M.P.

Nasci, para a Cirurgia, no entardecer da sua chamada época heróica. Dominava, então, o fito de exérese. Os cirurgiões, formados, sobretudo, à luz da Escola Fancesa, haviam adquirido junto de DOYEN, de FAURE e de MARTELL uma invejável destreza manual. Pouco conhecedores das consequências do acto operatório, não dispoendo de boas anestésias, desamparados de sulfamidas e de antibióticos, compensavam as insuficiências com grande coragem profissional, apurado sentido clínico, profundos conhecimentos de anatomia e exímia capacidade técnica.

A hora da operação brilhante, como factor dominante e essencial, acabou por extinguir-se. Pouco a pouco, o conhecimento da resposta à agressão preencheu lacunas anteriores e ditou novos rumos. O saber e a inteligência na orientação da técnica. Assim nasceu a cirurgia fisio-patológica, de que RENÉ LERICHE foi um dos grandes impulsionadores. Impressionado pela doçura e gesto atraumático de HALSTEAD, o eminente pensador do Colégio de França lançou as novas bases da atitude operatória, dominada pelo respeito tecidular, a hemostase minuciosa, a preocupação de não agredir. A Escola Italiana contribuiu muito para valorizar tais diretrizes. Operando sob anestesia local — grande educadora da mão que trabalha — os cirurgiões italianos impressionavam pelo rigor da actuação, pela sequência lógica dos tempos operatórios, pela leveza das suas mãos. O advento de conhecimentos transformou a panorâmica: pouco a pouco: a operação brilhante e emocionante deu lugar à intervenção metódica e repousante.

A explosão da pesquisa científica, observada na segunda metade do nosso século, revolucionou a Cirurgia tanto no aspecto do diagnóstico como no terapêutico. Estudos de Bioquímica e de Enzimologia, exames ultraestruturais, emprego de endoscopias, de investigação isotópica, de ultrassonografia e de novos métodos radiológicos, uso de raios Laser e de quimioterapia mais evoluída, amparo da Informática por computadores são os capítulos mais em evidência da tecnologia moderna ao serviço da Medicina. O médico em geral e o cirurgião em particular foram obrigados a embrenharem-se em novos estudos, até porque os erros de diagnóstico, com tal tecnologia, se tornam menos desculpáveis. Pouco a pouco, o cirurgião artista e fisiopatológico completou-se como cirurgião cientista. E logo surge uma dúvida. Será possível ao cirurgião, absorvida pela sua actividade especial, ter competência em todos os ramos da tecnologia moderna? E claro que não. Só o trabalho de grupo consegue torrear as dificuldades. O cirurgião tem, contudo, necessidade de possuir os conheci-

mentos essenciais para perceber os dados fornecidos e integrá-los na totalidade de estudo do homem doente.

Muito se tem falado ultimamente da desumanização crescente da Medicina e acusa-se também a tecnologia de contribuir para tão lamentável situação. Agradava-me, dada a minha formação, analisar minuciosamente este assunto, mas falta-me o tempo para o fazer. Creio, contudo, no respeitante ao papel da tecnologia na desumanização, que o defeito é mais do homem que da metódica. Do uso indiscutível passou-se ao abuso condenável. Já, em 1968, um grupo de investigadores de Beziers, acentuava que o exame clínico era, em grande parte, escamoteado por médicos que julgavam encontrar na imagem a totalidade do diagnóstico. Esquecimento do doente na mira do esclarecimento da doença. Sejam os franceses. Quantos de nós, pelo fascínio da imagem, por tentação investigacional ou por necessidade de Ensino, não realizamos exames possivelmente dispensáveis? E quantos médicos mal preparados, incapazes de realizar uma pesquisa clínica concludente, buscam na multiplicação dos métodos auxiliares a chave do diagnóstico? E, todavia, todos procuramos ter sempre presentes as regras da ética, não esquecendo e grande exigência moral de harmonizar a tecnologia, filha da ciência, com o respeito pelo homem doente, problema de Consciência. O médico, ser intelectual, tem obrigação de pôr a sua capacidade e o seu humanismo ao serviço do homem doente, defendendo-o de agressões dispensáveis. A causa só será servida se a Ciência for fiscalizada pela consciência. De outra forma, médico e doente despersonalizam-se.

Nascido na hora da Anatomia Cirúrgica e da Tecnologia pura, intelectualizado pelo advento da escola fisio-patológica, cada vez mais cientista dada a profusão de novos conhecimentos, o que é, afinal, um cirurgião? Antes de mais, um homem mal compreendido. *Se ainda existe vida*, afirmou ÁLVARO COLAÇO, *cuja psicologia se apresenta como um enigma aos olhos de todos é a do cirurgião*.

Alvo de críticas impiedosas, contidos, por exemplo, mas sátiras de alguns escritores ou visíveis em gravuras holandesas ou nas telas de TENIERS, BOWER e DAUMIER, com sarcasmos a ultrapassar o razoável, o cirurgião continua a ser motivo da censura de leigos, onde a ignorância e a inconsciência impudicamente se associam. Os actos profissionais não podem ser discutidos com o grande público mas apetece por os críticos perante uma série de interrogações, certos da dificuldade das respostas.

Quantos no mundo compreendem que a Cirurgia não é apenas uma profissão mas antes uma devoção, caldeada por sucessivas emoções dramáticas?

Saberão os críticos que, no momento supremo de se decidir a actuar, o cirurgião, face a face com a sua consciência, não tem um minuto de tranquilidade, sabendo que a saúde ou a doença, a vida ou a morte estão suspensas dessa decisão profundamente reflectida mas irreparável?

Poderá traduzir-se em palavras o tormento e o sentido de responsabilidade que dominam os cirurgiões, cientes que da sua capacidade técnica depende uma vida humana?

Saberão os críticos que, perante o imprevisto, o cirurgião vive momentos terríveis, com o coração angustiado e necessidade de passar rapidamente do pensamento à acção, chegando a ultrapassar-se a si próprio para salvar o doente?

Saberão os críticos avaliar a dolorosa sensação de impotência e o sentido inesquecível de derrota, que o cirurgião experimenta, quando as condições encontradas não lhe permitem efectuar a operação programada?

Saberão os críticos que a maioria dos cirurgiões, escravos da sua arte emocionante, pagam, em acidentes cardio-vasculares, a sua dedicação à causa?

Muitas outras interrogações podiam ser formuladas. Há todavia, um aspecto em que aos críticos sobram razões, quando

pretendem que os cirurgiões possuam qualidades particulares, tanto morais como profissionais, aliás bem salientadas nos livros sempre aliciantes de FAURE e de GOSSET.

Afinal o que é ou, antes, o que deve ser um cirurgião? Um homem íntegro, dedicado, sem egoísmo, inteligente, rico de conhecimentos. Um homem cheio de humanismo, onde a brandura não exclui energia, onde o poder de persuasão pode coadunar-se com a autoridade, onde a firmeza da decisão domina as hesitações, onde a frialdade aparente esconde o estado emocional. *Prudente por temperamento, forte pela experiência*, tal como BUSSY-RABUTIN definiu o Marechal TURENNE.

Homem de cultura e homem de sensibilidade. Não basta servir, é preciso saber como servir. O acto médico é o encontro entre uma pessoa que sofre e outra que pretende compreendê-la. E este encontro só será frutuoso se o médico for capaz de diferenciar o diálogo consoante a personalidade do doente, o seu interesse pela vida, a sua Fé, a coragem perante o infortúnio, as suas eventuais opções filosóficas, as suas tendências intelectuais. Só uma cultura polifacetada permite ao médico encontrar o caminho que cativa o doente.

Como se insere o cirurgião na Comunidade que o cerca? A resposta pode ser variável. Cada homem tem o seu poder de análise, cada geração observa com a sua óptica. Ao longo de três gerações — a dos meus Mestres, a da minha época e a dos que foram meus discípulos — muito pude observar e meditar. Atrevo-me a esboçar o conceito ideal do Cirurgião. Ser profundamente humano, albergado numa grande pirâmide quadrangular que representa a Sociedade. Consoante as circunstâncias, o seu modo de agir e o juízo de terceiros, vive ignorado no centro dessa pretensa geometria, passeia-se pela base ou alcandora-se até ao vértice. As arestas da pirâmide chamam-se Arte, Ciência, Humanismo, Ética. Assim balizado, o cirurgião cultiva o conhecimento e a sensibilidade, o Amor e a Verticalidade, certo que os limites que o circundam são os esteios da verdade da sua profissão.

Sem Arte, a cirurgia perde o seu brilho, o encantamento pela obra realizada.

Sem Ciência, a habilidade técnica conduz à aventura e ao desastre, pois a mão deixa de ser orientada pelo conhecimento.

Sem Humanismo, o cirurgião atraiçoa o aspecto mais nobre da sua missão e acaba por se transformar num corpo sem alma.

Sem Ética, toda a carreira cirúrgica ameaça ruína.

Não me alongarei ao tratar destes aspectos aliciantes. Quedo-me no necessário para a compreensão do meu pensamento.

O cirurgião tem o culto da arte, faz dela um alimento intelectual mas só raramente é um artista. Falta-lhe, em geral, poder de criatividade. A obra de arte é, antes de tudo, um lampejo de génio expresso numa concepção nova. Os cirurgiões actuais, amparados por valiosos métodos de análise, podem programar a sua intervenção e só raramente necessitam de improvisar. Os cirurgiões de antanho, muito menos apoiados, foram muitas vezes surpreendidos por imprevistos e obrigados a inventar novas técnicas. Nascia, então, a criação que marca o artista.

Toda a atitude cirúrgica não alicerçada em conhecimentos científicos torna-se perigosa e nem sequer tem base de justificação. O cirurgião tem de conhecer o âmago dos problemas para poder decidir. A ciência tem um sentido especulativo e um sentido prático de aplicação. Há que acarinhar os dois. O conhecimento, acto superior, tem de ser cultivado na mesa de operações, sempre à luz da inteligência.

Tal como já o afirmei, *o humanismo é um estado de alma especial, onde existe uma gama de sentimentos que o médico experimenta em contacto com o sofrimento; tudo o leva a*

estar mais próximo do homem agustiado, até sem palavras, mas com um olhar de compreensão, sempre sem esforço e com alegria reconfortante de servir o próximo. Nesta escola de ascése, atinge-se o ideal quando conseguimos integrar-nos no sofrimento alheio.

São muitos os estudos sobre o humanismo, alguns fascinantes. O assunto mantém-se vivo. Ainda muito recentemente, o canadiano SALE chamou a atenção para a necessidade das Bibliotecas de Medicina possuírem livros sobre Humanismo. *Os estudantes actuais, escreveu, ricos de ciência moderna e de tecnologia podem falhar ao apreciar a importância dos problemas humanos, talvez porque este aspecto seja multifacetado e difícil de ensinar.* Tem razão o publicista de Toronto. O Humanismo é difícil de ensinar, tem muito de pessoal. Brota em cada um de nós, sente-se, acarinha-se, aperfeiçoa-se durante toda a vida.

A ética do cirurgião é a ética do médico, filha da ciência e da moral. As regras do modo de estar na vida ditam a conduta do profissional. A integridade do homem é ponto de partida para o cirurgião eticamente impecável. Não faltam na prática do cirurgião momentos em que a ética está ameaçada. Então, o cirurgião deve lembrar-se que mais que o Código Deontológico deve pesar a sua verticalidade a observância dos princípios fundamentais, a sua actuação sem mácula. Na sua longa peregrinação, da hora da arte operatória à hora da tecnologia moderna, o cirurgião teve sempre presente estes preceitos fundamentais. Sucederam-se Escolas, renovaram-se técnicas, assistiu-se a uma verdadeira revolução científica. E

sempre o cirurgião, digno desse nome, se manteve fiel aos princípios do conhecimento e da moral.

Jovens cirurgiões que me escutais. Novos conceitos, novas metódicas, novas técnicas tornarão obsoletas algumas das nossas actuais atitudes. Sobre vós vai pesar a responsabilidade de integrar novos conhecimentos no estudo do doente, respeitando a totalidade do Homem. Lutai para que seja intangível a profissão que vos apaixonou. Condenai os que erram, amparaí os que cumprem. Todos juntos constituís uma força. Tendes o poder da inteligência e o poder da consciência. Harmonizai-os. Só assim conseguireis servir a mais nobre das profissões, baseada no respeito pela dignidade da pessoa humana.

É tempo de terminar. Receio não ter sabido transmitir o meu pensamento. Realidade? Ou, talvez, sonho? Mal vai do homem que não consegue mitigar as agruras da vida, transformando em realidade a esperança vivida no sonho.

Pedido de Separatas:
Joaquim Bastos
Serviço de Medicina Operatória
Faculdade de Medicina do Porto
4200 PORTO